



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

DESPEDIDAS

Ramon Reis¹

1. Aqui nos despedimos

Depois percebi... Tudo naqueles dias, envolvendo a todos, parecia uma serena cerimônia de despedida. Aquele foi meu encontro com a natureza. Não a construção idílica construída para mim através de um Renascentismo remoto. Foi a descoberta da imensidão. A descoberta dos pequenos sulcos do que era ao que é a floresta. Estava tudo lá. Tudo vendo nós chegarmos. Nada era como imaginado por mim, tudo era maior. As feridas mais abertas. Foi um encontro em que simplesmente fui. Gastando os últimos trocados. Se não saís de ti, não chegas a saber quem és (SARAMAGO, 1998). As imagens surgiam como uma passagem. Um gesto de despedida daquilo que nos atravessava naquele território.

Algumas pessoas agitavam-se em suas poltronas e logo soube que estávamos em algum lugar importante às pessoas pelo menos ali. Era difícil ver. Via muitas luzes superpondo-se. Olhei para o lado de fora, água dormindo. O grande lago. A Noite parece pôr segredos e revelar outros em certas paisagens. Chovia muito e havia neblina sobre os montes. Estamos descendo um trecho... Posso ver uns poucos bois no centro de um monte rodeados por neblina. Queria descer e ver aquilo, aquele lampejo, que pareciam querer me anunciar algo. Tucuruí.

A sensação de que as árvores me começam (BARROS, 1996, p.72) e a descoberta das mais importantes: a Amazônia não é plana. O que pensavam os primeiros humanos ao vê-la? O que pensava ela ao vê-los. Ela, a floresta... Sobre a imensidão o geógrafo paraense Eidorfe Moreira (2011) diz em seu ensaio *Ideias para uma concepção geográfica da vida* que quando nos proclamamos independentes do universo e pretendemos fazer-nos unidades autônomas dentro dele, somos a pequenez, a pretensão, o egoísmo, mas quando nos sentimos integrados no grande todo, ainda que anônimos e sós em face de sua incomensurabilidade somos a ressonância e a consciência de sua plenitude.

Chegamos na sede do *Xingu Vivo para sempre*. Abrimos a porta, subimos, viramos o corredor, entramos numa sala para chegar em outra porta. Abre-se e lá está... um

¹ Licenciado e Bacharel em Artes Visuais. Universidade Federal do Pará. aostrovoes@gmail.com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

pouco de história. Várias mulheres. Tinham o semblante de quem fazia algo importante e pareciam cultivar plantas em casa. Vi algumas indígenas. As primeiras que veria no campo. Acho que pertenciam a mesma família ou grupo. Diferentes idades, desgastadas por algum motivo, vê-las ali, todas juntas... Traziam alguns problemas. Abruptamente eu pensei todas as incursões que, desde que o primeiro homem branco pisou nessas terras, levavam a mim e a elas a aquela sala.

Após a construção da usina, a ONG tem se dedicado a receber a demanda de comunidades rurais, urbanas, indígenas; que tenham impasses com os processos de desapropriação, realocação, indenização... As catástrofes das catástrofes. A desterritorialização. O enclave.

Há desde o começo da colonização, projeto de destruição das nações ocidentais, tentativas de supressão de modos de vida que, em alguma instância, abrem ao instaurarem ressonância e consciência através de suas práticas subsistências, de existência e resistência. Concentração de renda. Terra é dinheiro. Violência. Disputas e embates. A violência exerce distintas funções na área rural. Na floresta não existe direitos humanos. As pessoas morrem como baratas. Esmagadas pelos avanços do latifúndio, da indústria, do capital. Conflitos não cessam. Líderes e insurgências amanhecem em um dia e em outro não. Vaga-lumes da Amazônia. Matam freiras com arma de fogo. Escravizam. Crianças trabalham. Tráfico humano e ambiental. Tráfico de drogas. As listas dos que estão marcados para morrer são grandes. O artista visual Armando Queiroz as busca em *Lista de morte* (2009) *Certidão de Óbito* (2009). Banalidade. Aquilo que não há medo de se perder. Listas.

A Amazônia não é. A Amazônia não é promessa. Talvez ela não seja mais e tenha voltado a ser. Promessa. A colonização ainda está em curso. 500 anos de tradição. Renovado. Repaginado. Promessa às oligarquias. Aqui instala-se num mundo de multinacionais. Diferentes grupos de poder; terríveis interesses. A tempestade vem vindo. Chove.

Para os povos tradicionais da floresta, a Amazônia é uma despedida iminente. Colhemos alguns farelos. Alguns pós. Restos e rastros. Grandes projetos de destruição realizam pequenos projetos de destruição.

Quando encontrei um homem que estava revestido de promessa, cansaço e guerra. Pescador. Lembro-me do conto *A areia de que somos feitos* de Vicente Cecim, ele é o animal solitário da ilha. “Ele é o animal solitário da ilha (...). Aqui pra ti, só areia, aqui nenhuma eternidade pra ti, elas lhe dizem (...). Uma outra ilha, uma outra vida.” (1979, p. 49, 52 e 56)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Havia um tom distópico naquelas terras. Um tom. Chegamos a sua chácara. É linda. Muito acolhedora. Verde claro. Há uma plantação de cacau. Para todo o lado as árvores, flores...Élio, enfrenta um tipo de isolamento e depressão devido a mudança radical em sua vida. Precisamos colocar a rede e pegar uns peixes. Remamos em um grande lago negro no fim da tarde, o que deu a ele e ao céu, tons de violeta. Dezenas de tocos compunham o espelho d'água junto ao o silêncio no pequeno barco. Rompido pelas histórias do Élio e minha inabilidade com o remo.

Dias mais a frente estivemos entre outros vestígios. Uma família dentre muitas com uma história para contar e um teto para compartilhar. E eu? O que tinha e tenho para partilhar? Estávamos no km 43 de Altamira. Descemos e podíamos ver a casa da filha de Élio. Sua família mais embaixo. A casa não os pertence, foi doada por uma família de amigos. Solidariedade. Almoço nos espera. Gentileza. Logo nos preparamos para partir. Eu não estava bem situado no plano, nos lugares, então as coisas iam mais ou menos sendo surpresas. Logo fomos. Passamos em frente a uma grande cidade. Chegamos na beira do rio. Esperamos. E trouxe um barco. Seguimos. Não sei ao certo para onde. No rio. Olhei para o lado. Lá estava todo o concreto erguido, revestido de poder e autoridade. Como um monstro que dorme às vezes.

Passamos uma noite inteira iluminados por suas luzes, do monstro. Era silencioso. Umas risadas. O tempo todo brincavam. Faziam piadas, nós ríamos sempre. Logo anoiteceu. O breu chegou. O trabalho no monstro é 24h. Suas luzes fortes permanecem ligadas. Acesas a noite inteira na grande escuridão. Jantamos um peixe. Fui lavar meu prato, na pequenina praia que contornava a casa, lá estava o grande silêncio. A escuridão está lá. Os sons. O rio noturno. Como algo pode ser imenso e sereno? Silêncio e todos os sons. Há tanta vida ali. Há vida em tudo. Eu o ouvi. Parei de lavar o prato e levantei. Olhei. Tão forte, tão perto. A um ponto no horizonte em que rio, floresta e céu confundem-se na escuridão. A noite e a escuridão me dizendo algo. A imagem é interrompida por um movimento de cabeça que permite a luz forte da usina aparecer em meu ângulo de visão. Olhei para o lado. Uma usina hidrelétrica. Uma forte luz. Para produzir luz num mundo cheio de luz. Em *A natureza do Espaço*, Milton Santos nos lembra de que no começo da história

A configuração territorial é simplesmente o conjunto de complexos naturais. À medida que a história vai fazendo-se, a configuração territorial é dada pelas obras dos homens: estradas, plantações, casas, depósitos, portos, fábricas, cidades etc; verdadeiras próteses. Cria-se uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada. (SANTOS, 2008, p. 62)

A energia é uma promessa. Uma das últimas 'fronteiras' do capital na Amazônia a ser alcançada ainda neste começo de século. A geração de energia para servir a exploração mineral, ao avanço industrial. Energia para quem? Onde? A Amazônia não é o que você quer (QUEIROZ, 2013, p. 183). Em um célere processo de desenvolvimento tecnológico há uma suposta necessidade de energia, conseqüentemente largas escalas de luz desenham-se sobre a terra à noite. Basta voarmos um pouco na estratosfera para ver a má distribuição do futuro que chegou. Acho que não chegou por aqui...

Diversos ciclos de colonização instalam-se aqui depois daquele maior, que uns chamam de descoberta e nós chamamos de invasão, saque e genocídio. Hoje ocorre um desses períodos. Na nova ordem. Pós-guerras. Cheio de guerras. Visíveis e invisíveis. Um dia foram especiarias, outro dia, borracha, agora minério, energia, desde sempre terra, gente... A Amazônia não é passado. A Amazônia não é futuro. A Amazônia não é engano (QUEIROZ, 2013, p. 183).

Fomos fazer umas das últimas gravações do curta-documentário de Luana Peixe e Élio, chamado *Em busca do Cari Zebra*, documentário que trata do desaparecimento de um peixe, lugares, modos de vida...

Durante o período em que me dedico à reunião desses fragmentos, desço a rua da minha casa, num dos subúrbios da Amazônia, área metropolitana de Belém, clareira aberta, estou só, é tarde. Apenas eu caminho pela minha estreita rua. Iluminada por lâmpadas incandescentes que das superfícies um tom de dourado. Vago. Vaga um vaga-lume, desce lentamente ao horizonte de minha visão e se eleva outra vez. Um único vaga-lume. Oscilando. A mim oscilando. A pequena luz. Apenas eu e ele. Parecia querer me dizer algo. Ergo a cabeça para acompanhá-lo. Ele desapareceu, se foi. Ele me viu... Isso foi pouco antes de começar a ler o *Sobrevivência dos vagalumes*, de Georges Didi-Huberman, logo depois um grupo inteiro entraram no meu quarto e pousaram sobre mim durante a noite. Nesse ensaio Georges fala a partir do que ficou conhecido como *O artigo dos vaga-lumes*, escrito por Pier Paolo Pasolini pouco antes da sua morte, sobre o desaparecimento de vaga-lumes em uma região da Itália devido o avanço industrial, relações políticas e luz.

Nele é tramado densas associações entre os modos populares de resistência, seu desaparecimento e sobrevivência, e as pequenas luzes oscilantes dos vagalumes frente as grandes luzes emanadas pelo progresso industrial no mundo, as luzes do poder. É possível ver essas oscilações em diversos fenômenos da vida, como



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

relações de desaparecimento dos povos através de projetos de destruição. Onde a sobrevivência se dá como processo intermitente. Oscilações entre sucessivas, distintas e sistemáticas tentativas de supressões de comunidades inteiras e seus modos de vida.

O desaparecimento de povos é um projeto. É um processo necessário ao "desenvolvimento que desenvolve desigualdade", como disse Eduardo Galeano. Nesses sentidos, percebi semelhanças com projetos de neocolonização da Amazônia, como os dos complexos hidrelétricos que estão sendo instaladas nas bacias de diversos rios. Usando a força das águas, desconsideram o valor de toda ela, de toda a floresta, dos ocupantes tradicionais da terra. Tomam terras sem uma consulta consistentes. Os impactos são ignorados. A grande luz do avanço, da busca por energia para gerar mais luz, para abastecer outros grandes de projetos de exploração, num mundo já cheio de luz onde a má distribuição de luz é só mais um reflexo da profunda desigualdade econômica em que vivemos.

A fragmentação de um território é a fragmentação de nós, na medida em que os espaços e a paisagem nos fazem e nós os fazemos. O espaço repleto de significações de valores cosmogônicos, religiosos e culturais. A fragmentação da vila de Santo Antônio de Élio, para a construção do canteiro de obras da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, logo desdobra-se em instancias nas suas próprias e de sua família . O meio físico participa ativamente da natureza de tudo o que o abrange ou contém, e com base nisso podemos dizer que cada ser, nas suas condições originais de vida, é a síntese animada de um ambiente. (MOREIRA, 2012, p.). Precisamente, os fenômenos naturais e a extensão dos fatos geográficos estão sistematicamente conectados a nós, formando redes, ecossistemas de subjetividades.

A Cabanagem pereceu diante das alianças armamentistas com interesses europeus, mas sobrevive através, de, agora séculos, nos povos tradicionais da Amazônia. Na voz do Élio. Na voz de um pescador. Na voz dos Mundurucus e todos os indígenas. Nos feirantes. Nos corpos que dormem agora abaixo do memorial a revolução paraense de Oscar Niemeyer. Neocabanxs. Elxs são os povos-vaga-lumes. O outrora repercutido no agora. A Amazônia não seria luz fraca? Talvez seja luz bruta. Seres brutos. Seriam os relâmpagos na floresta?

Linguagens do povo, gestos, rostos: tudo isso que a história não consegue exprimir nos simples termos da evolução ou da obsolência. Tudo isso, que, por contrastes, desenha zonas ou redes de sobrevivências no lugar mesmo onde se declaram sua extraterritorialidade, sua marginalização, sua resistência, sua vocação para a revolta. (HUBERMAN, 2014, p. 72)



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Eles são a intermitência do tempo. Gestos frágeis contra o concreto forte.

As imagens são do outrora repercutido nos agora. Vaga-lumes que brilham entre oscilações. São movidas no limiar do desaparecimento, formam uma constelação de vaga-lumes.

Descemos numa faixa de areia mais próxima do monstro de concreto. Conversava com Zezinho, outro pescador que nos acompanhava. Flores, plantas, poças... Acabara de descobrir um pequeno jardim? Paisagem? Será inundada aquela faixa de areia? Quem vai lembrar-se dessas plantinhas? Se as árvores grandes são violadas... galhos, arbustos, micro ecossistemas, quem sentirá suas perdas? Os peixes? As plantas são seres pequenos assim como as formigas e, aliás, na menor fração do real, no mais ínfimo átomo ou na mais insignificante célula, há sempre a possibilidade de um além (...). E a isso chamaremos de valor potencial – a essa inexaurível capacidade de significação. (MOREIRA, 2012, p. 49)

Todo um conjunto de vidas macros e micros, sendo intervidas na vila de pescadores para que a água possa passar e gere energia para o progresso e manutenção do sistema econômico vigente. Vivemos em uma velocidade diferente da de certos fenômenos naturais que geram nossa própria aceleração. O mundo submicroscópico, no entanto, é muito diferente: um mundo de processos descontínuos, um mundo que exhibe comportamentos que contrariam frontalmente nosso amado bom-senso. Somos protegidos dessa realidade ‘chocante’ pela nossa própria cegueira sensorial. (GLEISER, 2006, p.273). Me despedi deles.

Ainda no km 43 fomos a uma cachoeira. Havia muitas pedras. Toda uma geomorfologia se desenhando na minha cabeça. Respondiam elas a idade de um lugar? Todos os tempos estão inscritos nas rochas? Deserto come floresta. Floresta come mar. Mar come deserto. Deserto come homem. Homem come floresta. Floresta come deserto (AIYS, 2010).

Mas como entender o tempo geológico? Trata-se inegavelmente de uma dimensão que em muito transcende as possibilidades da existência humana. Uma escala temporal em que tudo é possível. Montanhas transformam-se em fundo de mares. Desertos em florestas. Climas glaciais podem se alternar com climas tórridos. E finalmente, os mares podem novamente se transformar em montanhas. É no decorrer do tempo geológico que a vida se transforma, por vezes se extingue, ou então origina novas formas de vida. Assim, o novo é sempre um produto do pretérito. Nada existe por existir. O presente é sempre o somatório dos eventos ocorridos no tempo passado. (CARVALHO, p.2, 2013)

As netas de Élio nos levaram a cachoeira. Nela, Luana tentou falar com as águas. Podemos ouvir a Natureza? Na oficina *Escrita Criativa – Vozes da Amazônia*, no



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
 VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricaas e as Áfricaas na Pan-Amazônia”

Sesc Boulevard, Vicente Cecim nos explicou que tudo fala, que toda a Terra fala, nós só não sabemos mais ouvir. Nós esquecemos. Desde então tenho tentado conversar. Sentir a correnteza. A aceleração da água. Parecíamos estar de volta a um lugar. Mas nunca estive lá. Organiza-se outro tempo apenas naquele banho. As árvores são longas. Na verdade, assim, e, no mesmo a sensação de que elas podem me ler, de que a água gostaria de me contar alguma coisa de seu movimento dos seus gestos de moldar as pedras, a terra. Caminhos por onde eu não vou, surgem nos caminhos que vou... Me despeço.

Quando subimos a longa estradinha de terra que nos levara a cachoeira, converso com as garotas, todos haviam me falado algo, menos elas. As crianças. Pergunto algo a respeito de como se sentiam com o deslocamento da vila de Santo Antônio, elas dizem que sentem faltam dos amigos e amigas, da escola, de banhar-se no rio, no igarapé, e que lá era muito legal. Tudo dito com muita convicção e alegria. Mas recebo com tristeza. Grandes projetos nos pequenos corações. Destruição de todo tipo. São suas despedidas...

Em outro momento um grupo de pesquisadores estava na sede do Xingu Vivo para entrevistar D. Antônia, uma das pessoas a frente da ONG e há décadas no movimento social. Ao contar suas histórias e as de Altamira, fala de uma bomba audível a todos jogada nos 1970 nas aldeias indígenas...

Acompanhamos esses pesquisadores em uma voadeira pela volta grande do Xingu. Estávamos sentados esperando. Era cedo demais. Nuvens cinzas cobriam o céu. Fiquei só por uns instantes. Estava chateado com algo. Olhava o céu. Repentinamente as nuvens realizaram uma abertura proporcional à circunferência do sol, de modo que agora, podia vê-lo, um grande círculo dourado brilhando entre nuvens de chuvas. Um ponto destoando. Nunca tinha visto algo assim.

Entramos no barco. O rio é grande. É maior do que eu podia imaginar. Mas tão grande quanto alguns que vejo em algumas pessoas. Talvez seja um pouco de oceano. De onde veio toda essa água? As árvores eram grandes. Imensas. As árvores pareciam estar ali há muito tempo. Contornando o rio. As grandes e pequenas ilhas. Era possível ver o ar, a neblina, se movimentando, acima das copas da copa das árvores ou seriam as árvores respirando e expirando? O ar tinha uma forma leve e sinuosa. Mas movimentava-se como se estivesse pesado para si mesmo.

As árvores pareciam uma cordilheira inteira. Muralhas. Não muralhas dessas que são muros. Mas do tipo em que se entra. Mais tarde também percebi que na



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

verdade era cheio de elevações que criavam a sensação de tamanho. Percebi nos terrenos que já são pastos. A cada canto uma casa. Naquela imensidão de floresta, em cada canto uma casa. Uma voadeira cortando o rio. Imaginei visto de cima. Lá da estratosfera outra vez. O que conversam as árvores com os peixes e a correnteza quando estão a sós? Rio. Forma de veia. Veia forma raiz. Alastramento na pele.

Chovia tão intensamente que às vezes estávamos numa floresta e às vezes envoltos pela cortina de chuva. A umidade é uma das substâncias mais densas na Amazônia. De modo que às vezes acredito ser possível afogar-se respirando com um amigo me disse uma vez.

Fomos até um dos canteiros de obras da usina. Outra chuva vinha, tivemos que ser rápidos ao escalar pedras que formavam uma contenção. Subimos. Estava descalço. Quando chegamos, vi a chuva cobrindo com seus panos o monstro. Voltamos. Fui na proa, na ponta. Tomando banho de chuva. Descalço. Tomando um banho de chuva no rio Xingu. Em velocidade. Tudo ali. Frio. Úmido. O ar forte. O vento forte do Norte. Me sentia nu na tempestade, na imensidão. As árvores que se agrupam e emergem. Elas emergem e se inclinam. Eu me inclino e olho a água passando pelo barco. Inclinações.

Mas o que vejo na disposição hidro botânica? Anne Cauquelin em *A invenção da paisagem* diz que a transfiguração da Paisagem em Natureza tem suas origens no Renascentismo. Ela se consolida como elemento simbólico nas artes visuais através da pintura, onde se instala e parte. A paisagem que hoje vemos talvez seja parte de um projeto cultural. Quando se vê é Tempo, o olhar vem carregado de inscrições e repercussões temporais.

Autores confiáveis situam seu nascimento por volta de 1415. A paisagem (termo e noção) nos viria da Holanda, transitaria pela Itália, se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração das leis da perspectiva e triunfaria de todo obstáculo quando, passando a existir por si mesma, escapasse a seu papel decorativo e ocupasse a boca da cena. (CAUQUELIN, 2007, p.36)

A norma vigente até então, era a representação, e a Paisagem surge como um motivo estranho, não há tema... Mas renascentistas querem mostrar o que se vê. Nesse período ela também configura-se como valor geopolítico já que o mundo das sociedades europeias ia até o mar mediterrâneo, mas com a expansão marítima, a medida que passam a invadir territórios a paisagem também passa a ter instrumentalidade. Um caráter historiográfico, narrativo. Ilustra o “novo mundo” natural. O mundo que eles dominaram.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Nas artes visuais, talvez, a noção de Paisagem só passa por transformações com a chegada do impressionismo, da Fotografia, do Cinema e das vanguardas modernistas, passando pela tradição da gravura japonesa. Mais tarde no pós-guerra, surge a landart, tendo como um de seus expoentes Robert Smithson e suas intervenções diretas na terra, passando pelo minimalismo como o de Walter di Maria, até as pinturas e instalações de Anselm Kiefer; o escutar das pedras de Marina Abramovic e o escutar das conchas de Ligya Clark; a coleta de neblinas, maresia e orvalho por Brígida Balthar; o diálogo entre violência e delicadeza de Armando Queiroz; várias outras que propoem toda uma historiografia da Natureza nas artes visuais... Observando todo desenvolvimento científico na modernidade até os dias atuais, mudanças profundas em nossa compreensão de nossos ambientes. Arte é uma descrição possível para o espaço? Uma Geografia possível? Uma inscrição da terra? Nossa apreensão da paisagem é também estética.

O ver é carregado de muitas camadas justapostas. Mas se a construção, a disposição visual da natureza começa a se dar por essas vias, há entre nós, sociedades contemporâneas, uma noção visual colonizada de natureza através de muitas dessas construções, de Leonardo da Vinci as missões artísticas que aqui aportaram. É possível pensar também na Paisagem como um instrumento de colonização no sentido de suas funções cartográficas que serviam a criação e instituição de um imaginário sobre os trópicos. Penso em narrações, cartas escritas pelos primeiros invasores que por aqui chegaram...é preciso descolonizar. É preciso.

Aqui onde o sol é mais forte e o ar mais úmido como é a paisagem? Como é a Amazônia em suas múltiplas dimensões poéticas. Onde a natureza é um território complexo que passa por política, cultura, vias, trabalho, colonizações, subsistência, mitos, coragem, ataques, genocídio, amor... Onde a floresta é densa e mítica. Onde povos tradicionais ainda habitam; onde indígenas ainda têm uma outra cosmologia e geografia. Onde tem indígena, tem floresta. Onde a natureza é uma eminente despedida e esperança.

Paisagens de ilhas morrendo. Eu vi. Ilhas estão sendo queimadas. Passa a chuva. Chegamos a uma ilha. As ilhas estão queimando. Animais morrem tentando nadar. As empreiteiras costumam deixar as árvores das bordas pendentes em direção ao rio de modo a dificultar a entrada. Conseguimos entrar. As copas dificultam a visão, quando as supero, olho, não resta nada. Devastação. Energia pesa. Há todas as implicações. Não consegui tirar nenhuma foto. Uma despedida. A ilha estava morta. Como são os olhos de quem se despede? Qual o olhar de despedida? Giordano



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Bruno em *Os vínculos* sugere os olhos como meio de formar vínculos, precisamente no *Artigo XXVII. Os olhos daquele que forma vínculos*.

Os vínculos são sutis, e aquilo que liga é quase imperceptível, profundo, passível apenas de se examinar ligeiramente, na superfície, por assim dizer, como aquilo que está sujeito a transformações a cada momento. Ele se relaciona com quem quer envolve-lo em seus laços não diferentemente de Tétis, ao evitar os abraços de Peleu. Assim, o vínculo deve respeitar o ritmo das mudanças e perceber em potencialidade a forma assumida por aquilo que a precede. (BRUNO, 2012, p. 34)

Santos nos diz que a vida se dá mediante três ordens, a Técnica, a Normativa (jurídica) e a Simbólica. A força de transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, que corresponderia a formas afetivas, emotivas, ritual, determinadas pelos modelos gerais de significação e de representação. Confundem-se com as formas culturais de apropriação e utilização da Técnica. Onde o que é a força está na afetividade, nos modelos de significação e representação. Lembra-nos ainda que a

ação é um processo, mas um processo dotado de propósito, segundo Morgenstern, e no qual um agente, mudando alguma coisa, muda a si mesmo. Esses dois movimentos são concomitantes. Trata-se, aliás, de uma das ideias de base de Marx e Engels; Quando, através do trabalho o homem exerce ação sobre a natureza, isto é, sobre o meio, ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica sua natureza externa. (SANTOS, 2008, p. 78)

Mas o que podem os pescadores diante do monstro de concreto? Suas ações estão a serviços de outros interesses. Os de um projeto de progresso insustentável para servir e dar lucro e a destruição. O espaço se torna cada vez mais estranho a seus habitantes. Haverá um depois da Terra? A Amazônia não é paradeiro. A Amazônia não é amanhecer (QUEIROZ, 2013, p. 189). Me despeço do Xingu...

2. Sobre despedidas e natureza

Essas questões, e várias outras que não cabem aqui, em um momento levaram a concepção da oficina Sobre despedidas e natureza. Encontros para refletir e experimentar sobre fenômenos naturais. Realizada no Sesc Boulevard em Belém. Sua organização fluiu para o surgimento de três momentos que buscaram estabelecer coexistências e interfaces possíveis entre fenômenos terrestres, celestes e nós. “Pó”, onde verificamos práticas artísticas com elementos intangíveis, opacidade do espaço, estrelas, tempo, deserto. “Inundações”, em que partimos de situações de conflitos políticos, repercutidos em fenômenos de cheia, transbordamento, e seus impactos na região amazônica. “Som” onde demos ênfases a obras sonoras de investigação da própria natureza do som.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

A metodologia da oficina reflete algumas das pesquisas e pensamento que venho desenvolvendo sobre Educação em Artes Visuais. Esta, por vezes parece encerrar-se nas grades curriculares da educação formal, sendo regida por matrizes, procedimentos, princípios, metodologias que triangularizam e muitas vezes reduzem e paralisam o raciocínio poético. No território cercado do discurso oficial de Estado e do Poder, como o da Escola, ela vem servindo a formação que forma, fazendo referência as fundações das grandes escolas europeias de Belas-Artes aos nossos pretensos parâmetros curriculares nacionais, LDB, que não deixam de refletir uma cultura europeia, liberal, cristã, branca, heteronormativa, machista, hierárquica e conservadora. No Brasil é possível se ver as marcas profundas da colonização nos projetos curriculares.

Pensando nessas circunstâncias e em meio a orientações políticas anarquistas, venho buscando modos de operar práticas educacionais que não se distingam de práticas artísticas. Na criação de regimes horizontais de potências, confluências e desdobramentos. E de metodologias educacionais e procedimentos didáticos forjados por poéticas. Poética dando forma a outros tipos de didática. Algo que já vinha sendo apontado por educadores como Elliot Eisner ou John Dewey, e certos artistas de vanguarda que trabalhavam em ações e performances, como Yoko Ono, Joseph Beuys e Hélio Oiticica. Atualmente é possível observar no pensamento de Marina Abramovic, nas atividades do Marina Abramovic Institute. Compreendendo arte como forma de inteligibilidade do mundo, afirmando como conhecimento plástico e visual. A manuseando para compreender a vida em sensação. Nesses sentidos, em interfaces com ciências e humanidades, propus que nos lançássemos a problematizações sobre os fenômenos naturais e a imensidão. Observamos a asserção feita por Giorgio Agamben sobre o trabalho do historiador da arte, Aby Warburg, é a despedida – e o refúgio – de todas as imagens (2012, p. 63). Ainda propus *Grapefruit – o livro de instruções e desenhos de Yoko Ono*, como referência didática: PEÇA DE RITMO. Escute as batidas de um coração; PEÇA GRAVADA IV. Peça de Movimento. Registre o som das estrelas se movendo. Não escute a gravação. Corte-a e dê os pedaços às pessoas na rua. Ou você pode vendê-las a um preço moderado; PEÇA DE PEIXES. Grave as vozes dos peixes numa noite de lua cheia. Grave até o amanhecer.

Assim, a metodologia da oficina foi norteadada, primeiro, pela noção de incerteza, dando espaço ao nada, a perda e a falha. Onde o conhecimento é uma substância instável e não sabemos como irá ou se irá desdobra-se. Todos os caminhos são caminhos. Uma zona educacional que certas dimensões anulam e/ou reconfiguram



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

a Verdade enquanto moral científica. Partilhas. Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar. Viva o mangue.

Segundo, norteada pela entropia. Fenômeno que demonstra como o nível de desordem em qualquer sistema implica numa maior estabilidade do sistema. E é uma das noções no trabalho do artista visual Francis Alÿs, durante dez anos ele perseguiu tornados nos desertos do sul da Cidade do México tentando entrar em seu olho pacífico. Moveu uma duna de lugar no Peru com a ajuda de centenas de pessoas, em *Quando fé move montanhas*. Explora o desperdício de energia. Atua em situações em que o nada é reconfigurado. Buscando momentos de singularidades em que a organização surge do tumulto de forma abrupta produzindo o fenômeno...

Em o Pó, vimos vários trabalhos de Alÿs, *As vezes fazer alguma coisa não leve a nada* (1997), *Watercolor* (2010) e *Game over* (2011); intervenções de Christo e Janie Marie; o escultor Michael Heizer e suas intervenções de larga escala na terra como *Double Negative* (1969); refletimos sobre os impactos ecológicos da arte no minimalismo Walter Di Maria em *The lightning Field* (1977), que dispõe centenas de para-raios em uma planície americana compondo uma sinfonia visual de relâmpagos com a chegada de tempestades. Refletimos sobre a aridez, as pequenas e grandes dimensões, íntimas e distantes. Admitindo a Natureza arranjada semelhante ao proposto por Eidorfe Moreira, (1) átomos e células (o infinitamente pequeno), (2) os corpos celestes (o infinitamente pequeno), (3) o reino mineral, (4) o reino vegetal, (5) o reino animal, (6) humanos (2011, p. 22). Assistimos a *Nostalgia de la luz* (2010) do cineasta chileno Patricio Gúzman, que olha para diferentes buscas no mesmo deserto, a de corpos celestes e corpos humanos.

Em Inundações, assistimos ao filme *Beasts of Southern Wild* (2012) e pensamos como fenômenos naturais e artificiais repercutem em nossas vidas em todas as escalas. Nos pequenos gestos. Partindo da constelação de três artistas que trabalham o documental em distintos períodos da história da Amazônia em conflitos reflexos da colonização, desencadeados pela expansão industrial. Cláudia Andujar e os corpos do povo Yanomami durante a ditadura, trabalhos que deixaram coisas indefinidamente abertas em mim. Paula Sampaio em duas construções que são marcos das intervenções estatais, a construção da Transamazônica e as inundações decorrentes da formação do lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, em *Lago do esquecimento*, e seus impactos nas populações ribeirinhas. Luana Peixe, que dilui o conceito de documentabilidade até dentro de nós em trabalhos nos atuais projetos industriais na Amazônia como o da usina de Belo Monte na bacia do Xingu e no



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

complexo industrial de Barcarena. A imensidão, a saudade, a perda, o encontro. Várias despedidas.

Em Som, partimos do Pavilhão Sonico de Doug Aitken, 2009, localizado no Instituto Inhotim, onde um poço tubular de 202 m de profundidade foi criado para se ouvir a Terra. Pensamos então através do encontro da cantora Björk com o naturalista inglês David Attenborough, no documentário *When bjork met attenborough* (2013), o seu percurso musical, sobretudo, seus últimos álbuns, *Biophilia* e *Vulnicura*, que se fazem projetos para compreensão do som como elemento natural e das relações entre música, natureza e tecnologia.

Por fim, o que estava indefinido e aos poucos foi tomando forma através das conversas. Esses dias tiveram o desfecho num projeto de gravação, captação de sons com dispositivos móveis que juntos criam um arranjo sobre as coexistências afetivas da intimidade dos alunos com fenômenos naturais que atravessam suas vidas, lugares, pessoas, corpos. Dias de encontro que terminam na criação de uma constelação de peças sonoras. Sons que na verdade são gestos. Com essa vivência, dentre algumas outras, comecei a pensar mais intensamente sobre os gestos e seus destinos...

Algumas das reflexões, bibliografias e produções artísticas pesquisadas que permeiam esses escritos do fim do mundo são oriundas da minha passagem como bolsista de Iniciação Científica (CNPq) pelo projeto de pesquisa, **Sob a pele, o rio, do Laboratório ambiente-corporais em experimentações e atravessamentos: imaginário, amor, arte e política na Amazônia (LabAmpe)**, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Cláudia Leão. Esses escritos se configuram como recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Artes Visuais na Universidade Federal do Pará orientado por Prof. Dr. Luizan Pinheiro, *Aqui nos despedimos*.

Referências

ALYS, Francis. **Numa dada situação**. São Paulo: CosacNayif, 2010.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. São Paulos: Record, 1996.

BRUNO, Giordano. **Os vínculos**. São Paulo: Hedra, 2012.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CECIM, Vicente. **Silencioso como o paraíso**. São Paulo: Iluminuras, 1994.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

CARVALHO, Ismar de Souza. **Memórias da Terra**. Revista Carbono. Nº 3. Disponível em < <http://revistacarbono.com/artigos/03-memorias-da-terra-ismarcarvalho/>> Acessado em 24/05/2016

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vagalumes**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

GLEISER, Marcelo. **A dança do universo: dos mitos de criação ao Big Bang**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

MOREIRA, Eidorfe. **Ideias para uma concepção geográfica da vida**. Belém: Semec, 2012.

QUEIROZ, Armando. **A Amazônia não é minha!**. In: Amazônia, lugar da experiência (Org.) Orlando Maneschy. Belém: 2013.

SANTOS, MILTON. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 2008.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.